37-3.º E

Ano IV — Lisboa, Julho de 1948 — N.º 39

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista (em organização)

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

TENDAS AO SOL

... bando de mariposas,
copos de nieve,
son mis amadas tiendas
del acampamento...

(canção escotista espanhola)

Ficaram para trás as longas noites de inverno, e também se foi recentemente a primavera, presa do voo desse bando de pássaros que emigrou para o norte. Os trigos, que eram negros, têm agora reflexos de ouro nas suas espigas, vergadas ao peso dos grãos em gracioso desmaio, e as papoilas vermelhas secaram nos outeiros tisnados do Sol. Os campos estão convertidos num império de grilos e cigarras, que entoam monótona canção, sob o intenso azul do céu de verão. O calor adormece a vida nas cidades, nas oficinas, nos escritórios, fechou as Universidades e Colégios... As pessoas abastadas iniciam o seu êxodo até às praias, às montanhas, aos países do norte...

Também tu, irmão-escoteiro, que tens trabalhado ou estudado durante todo o ano, tens que descansar, disfrutar as tuas férias de verão, oxigenar os teus pulmões, conquistar saúde para reiniciar com brio um novo ano de labor. Para ti, Escoteiro, chegou a hora de dispor do teu equipamento e, mochila ao ombro, sair em busca dessa bela clareira de bosque que viste um dia, e erguer a tua branca tenda de campanha. Chegou esse momento, tão ansiosamente esperado durante todo o ano, de converter em realidade todos os sonhos da Patrulha, de viver durante uma semana ao menos, naquele delicioso recanto visitado numa excursão de fim de semana, quando o Sol não queimava como agora.

Como bom Escoteiro não podes deixar passar os dias compridos e quentes sem pôr em prática todos os ensinamentos que recebeste no curso que está terminando, sem plantar a tua tenda em qualquer lugar, no vale ou na montanha, junto ao rio ou na praia, no norte ou no sul... e sentires-te livre e feliz, vivendo com os teus companheiros, e em plena natureza, a mais estupenda das aventuras que pode e deve viver um Escoteiro, o acampamento de verão, coroa de ouro ao trabalho de um ano de Escotismo.

Necessitas de acampar. Quer seja com o teu Grupo, com a tua Patrulha ou com dois ou três companheiros. Porém tens que acampar. E se muito dificultas... ainda que o faças sòzinho. Exige-o a tua saúde, a tua felicidade e a tua honra de Escoteiro.

Quê, não tens tenda? E atrapalhas-te por isso? E és um bom Escoteiro? Permite-me que o duvide. Porque um bom Escoteiro não se atrapalha com essa pequena dificuldade; sabe que a montanha está cheia de grutas ou covas, e de aglomerações rochosas fàcilmente convertíveis em cabanas. E no bosque com todos os materiais que a natureza te brinda, serás capaz de ficar sem abrigo?

O teu «totem» será um pobre «totem» se não tem o sinal de um acampamento. A tua insígnia de 1.ª classe não me oferecerá uma grande garantia se não está colocada numa camisa descolorida pelo Sol do acampamento. O teu diploma de Campista resultará inútil se não tiveres curtido a pele ao ar e ao Sol, à porta da tua tenda. Só quando eu souber que tens erguido a tua tenda, cozinhado os teus alimentos, e visto mudar a fase da Lua enquanto cantas e sonhas junto ao fogo do conselho, te considerarei um Escoteiro verdadeiro, um Escoteiro como esses que Ba-

(Continua na 2.ª página)

O XIV Aniversário do Grupo N.º 94

Tendo passado no dia 8 do corrente o XIV aniversário da fundação do Grupo n.º 94, realizou-se na sua sede uma sessão solene comemorativa a que presidiu o Sr. Eng.º Pereira Jardim, Presidente dos Escoteiros de Portugal, que convidou para o secretariarem os Srs. Eduardo Ribeiro, Director do nosso jornal e membro daquele Grupo; e Armando Lino, Chefe do Grupo 53.

Abrindo a sessão o Chefe do 94, Sr. Capitolino Ferreira Macedo, disse algumas palavras alusivas à actividade do Grupo no último ano. O Sr. Eduardo Ribeiro proferiu, então, uma palestra acerca das finalidades do Escotismo, demonstrando o interesse e oportunidade que este deve ter para os pais, terminando por exortar os dirigentes a organizarem as suas actividades em moldes de um grande jogo, segundo o conselho de Baden-Powell, dando-lhes uma característica de aventura, actividades em que devem tomar parte como camaradas e irmãos mais velhos. Terminou apelando para os pais para que cooperem com os Chefes no trabalho dos grupos de escoteiros.

O Sr. Presidente colocou a 14.ª estrela de serviço na bandeira do Grupo 94 e o Chefe do Grupo leu a Ordem de Serviço que concedia estrelas de antiguidade a diversos escoteiros, a segunda classe a Fernando Amílcar Silveira, e louvava este mesmo escoteiro, o Guia de Secção Júlio Maria Reis e o Chefe de Administração interino Joel Ribeiro.

O Chefe Sr. Armando Lino saudou, em nome do 53 e dos restantes Grupos de Lisboa, o 94 pelo seu aniversário e o Sr. Eng.º Jardim encerrou a sessão depois de ter posto em evidência o valor do Escotismo e ter justificado que é bem merecido o interesse que pais, filhos e dirigentes lhe dedicam.

Foram lidas mensagens de saudação dos Srs. Capitão António Gomes Rocha, Dr. Francisco Cortez Pinto, Grupo n.º 5 e Patrulha «Infante D. Henrique» do Grupo n.º 53.

O «*Sempre Pronto*», associa-se com prazer às comemorações do XIV aniversário do Grupo 94, ao qual deseja um novo período de progresso.

PALESTRAS COM UM GUIA

VI

A VOSSA CAVERNA

Os Castores vão reunir periòdicamente, uma ou duas vezes por semana, para falar dos vossos assuntos, projectar excursões, estudar temas escotistas ou outro motivo qualquer. Porém não deveis reunir-vos num bar ou num banco do passeio. Se fosse preciso poderieis fazê-lo, porém, só circunstancialmente, porque toda a Patrulha tem que ter um canto, um rincão que será: A Caverna.

Na sede do teu Grupo indicarão um canto aos Castores. Assim pois, ficareis livres de buscar uma habitação disponível ou um vão em casa de qualquer de vós. Esse canto indicado será a vossa caverna; ali se verá a força do vosso espírito de Patrulha, ao ficar impressa a personalidade dos Castores. Decoração, mobiliário, iluminação, tudo, absolutamente tudo, será obra da Patrulha.

Na noite passada disse-te que necessitais de outras coisas que não são material de campo, e que estas coisas quase não vos custariam dinheiro. Pois me referia à Caverna. Porque, se necessitando alguma coisa em que vos possais sentar, correis a comprar umas cadeiras na loja de móveis da esquina, não sereis verdadeiros escoteiros. Os assentos têm de ser fabricados por vós, assim como tudo quanto constitua a Caverna. É uma boa ocasião de fazer brilhar a habilidade manual e o bom gosto.

Não é preciso dispor de grande espaço para que a Caverna resulte bem. Na minha Patrulha era um pequeno canto de 3×4 metros escassos, onde nos desenvolvíamos perfeitamente. Na parede do fundo pintámos a cores uma alegoria a Valência, que ocupava o centro, com um chacal a um lado, e uma cena escotista a outro. Na parede lateral havia um friso de figuras índias. Decoravam estas paredes algumas fotografias, um mapa da região no qual assinalávamos todos os caminhos seguidos pela Patrulha, algumas curiosidades encontradas no campo, e 8 quadros em forma de escudo (um por indivíduo) nos quais, desenhado, figurava a história escotista de cada um dos Chacais (grau, diplomas, estrelas, medalhas, etc.) e um quadro com todos os nós usados pelos Escoteiros. O mobiliário era composto por uma pequena mesita de aba encostada à parede, um banco-armário onde se guardava o material, dois bancos, e um suporte para o totem e para os bordões. O espaço não se podia aproveitar melhor.

Tudo estava fabricado com madeira de caixotes de embalagem usados, que nos não custaram dinheiro. Não conheceis uma casa comercial que vos ofereça algum caixote usado?

Se dispusesse de espaço, eu teria montado uma oficina elementar; uma simples bancada de trabalho como a dos carpinteiros, e umas ferramentas.

Podeis ter também a vossa pequena biblioteca. Fixa bem que disse pequena. Uma biblioteca que não contenha mais do que as cartas, manuais escotistas e jornais. Só o indispensável. Se tendes mais livros, não sejais egoístas e entregai-os à Biblioteca do Grupo, onde beneficiarão a muitos mais Escoteiros, que se os retivésseis para vós sòmente. Os livros não se escrevem para servir de adorno, mas para que sejam lidos por toda a gente Por isso há que colocá-los ao alcance de todos.

E, em essência, é isto uma Caverna; um canto posto em ordem pela Patrulha, e no qual vos sentireis como em vossa própria casa.

O fogo está cada vez mais débil e há que repousar. Até amanhã, e que a paz seja contigo.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

TENDAS AO SOL

(Continuação da 1.ª página)

den-Powell ideou e como há milhares por todo o mundo. Vais tu ser menos do que eles?

Não; o que eles fazem também tu podes fazer. E talvez melhor. Não sentes correr pelas tuas veias o sangue daqueles navegantes, descobridores e exploradores que levaram o nome da tua Pátria por terras longínquas? Tu, bom Escoteiro, que te orgulhas dos homens que forjaram a História de Portugal e afirmaram as virtudes da raça, vais levar a tua bandeira por todos os vales, por todos os rios, por todas as montanhas do país. Do mesmo modo anónimo e eficaz que aqueles que viveram em séculos anteriores, vais a fazer Pátria. Vais conseguir, unido a todos os Escoteiros, que no solo português floresça neste verão uma primavera de tendas brancas.

Também eu, no meu país, plantarei a minha tenda solitária entre os agrestes píncaros da Serra de Gredos. E à noite, quando as chamas do fogo do conselho começarem a perder claridade, levantarei a minha vista até à estrela Polar, e ali verei reflectidos os vossos olhares e os de muitos outros, muitos Escoteiros de todo o mundo...

Chegou a hora de acampar e todos temos de acudir à grande chamada.

Ver-nos-emos na estrela Polar! Até então! Bom acampamento!

Madrid, Junho de 1948.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

DA PÓVOA DE SANTA IRIA

ACAMPAMENTO

Por iniciativa do 1.º Grupo de Lisboa, dos *Scouts de France*, e a convite do Grupo n.º 8 da Póvoa, os Grupos n.os 5, 9, 53 e 94 de Lisboa, enviaram deputações dos seus escoteiros a um acampamento que se realizou em Vialonga, na Quinta do Serpa, gentilmente cedida pelo seu proprietário Sr. Visconde Botelho. Reuniram-se assim 26 escoteiros e lobitos dos *Scouts de France* e 44 escoteiros da A. E. P.

No sábado à noite o grupo francês apresentou um animado *Fogo de Conselho*, no qual os escoteiros portugueses colaboraram. No domingo cada Grupo realizou as suas actividades e, de tarde, efectuou-se um encontro de voleibol, do qual os franceses saíram vencedores por 2 a 1.

Ao fim da tarde o Acampamento foi visitado pelo Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, Escoteiro-Chefe Geral, que se fazia acompanhar do Secretário Geral, Sr. Carlos Mexia C. Paiva, tendo o Chefe Geral inspeccionado os diversos campos.

Ao levantar do Acampamento, o Chefe Garnier, dos *Scouts de France*, manifestou a sua satisfação pela boa camaradagem daquele Acampamento, tendo-lhe respondido com iguais sentimentos o Secretário Geral da A. E. P.

IMPRENSA ESCOTISTA

FOGATA

O órgão oficial dos «Boy-Scouts de Chile» que se intitulava «Boletin Scoutivo», passou agora a denominar-se «FOGATA». Era seu muito dedicado Director o Dirigente Escotista Chileno Sr. D. Erasmo Vergara Muñoz, que deu o seu lugar ao Sr. Arturo Bayer Llach, a quem enviamos saudações escotistas e desejamos muito êxito na sua missão.

AJURI DO SUL

Recebemos o primeiro número desta interessante revista brasileira, que é órgão do Grupo de São Geraldo, da Associação de Escoteiros do Círculo Operário Porto-Alegrense.

Possui um bom aspecto gráfico e óptima apresentação, e colaboração excelente.

Ao seu director, Sr. Litel Muniz Silveira, e aos seus colaboradores, apresentamos os nossos agradecimentos e saudações escotistas.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Gestos desordenados, esgares e sons guturais ou devaneios de um campista

Os campistas portugueses estão muito interessados em comparticipar no acampamento internacional que se deve realizar em França no próximo ano. Ideia simpática a que desejamos o maior êxito. Neste propósito, o jornal «Campismo» tem publicado artigos de diversos elementos campistas portugueses, que temos lido com o interesse que nos merecem todas as iniciativas que possam contribuir quer para o desenvolvimento do salutar desporto, quer, como no caso presente, para tornar mais conhecido ainda o nome de Portugal nos meios estrangeiros.

No número de Junho do referido jornal, coube a um membro do Clube de Campismo de Lisboa *botar fala* sobre o caso. Com evidente falta de assunto o articulista referiu-se a um programa de rádio, passou às belezas e monumentos da França, referiu-se ao cavalheirismo dos franceses; disse que as inscrições para o acampamento já passavam de uma centena, lembrou a conveniência de se ir preparando a a comparticipação portuguesa nos «Fogos de Acampamento». Disse mais que dois agrupamentos campistas tinham aberto cursos de línguas estrangeiras para os seus filiados, e, sem qualquer cerimónia, dá largas à fantasia e sai-se com este mimo:—*«Pensam os seus dirigentes, e muito bem, que será da maior conveniência para os que se deslocam e para o bom nome da deputação portuguesa que eles possam fazer-se entender por palavras e não por gestos, a maior parte das vezes tão ridículos, como sucedeu aos escuteiros no Jamboree da Paz, realizado em França no ano findo. Esses gestos desordenados, acompanhados de esgares e de sons guturais, ficaram célebres sob o nome de 'Jamborando'».*

Pasmámos perante o desplante. Quem seria que disse ao nosso amigo campista que no Jamboree os escoteiros se entendiam por *gestos desordenados, esgares e sons guturais?* Onde é que ele ouviu falar na tal palavra «Jamborando»? — Não estaria o homem sonhando?

Receando que alguém pudesse ter sido induzido a acreditar que a delegação portuguesa foi ali fazer figura *ridícula*, desejamos esclarecer que havia no Jamboree duas línguas oficiais, o francês e o inglês. Era ainda aceite o esperanto, tendo-se efectuado um congresso desta língua auxiliar no próprio acampamento.

O contingente oficial português ao Jamboree foi constituído por 1 dirigente e 4 escoteiros de cada associação escotista portuguesa. Temos imperfeito conhecimento da cultura dos elementos que constituíam a delegação do C. N. E., mas sabemos, no entanto, que pelo menos, todos sabiam da língua francesa o suficiente para se fazerem entender e um dos seus escoteiros falava o francês correctamente como nos foi dado ensejo de verificar. O dirigente da delegação da A. E. P., foi um jovem engenheiro de minas que falava o inglês e o francês. Os quatro escoteiros todos falavam francês, um deles fala ainda inglês e alemão; outro inglês e espanhol e um outro também inglês. Parece que se não pode exigir mais de rapazes.

No número de delegados à conferência e visitantes contavam-se no C. N. E. dois sacerdotes católicos, um licenciado em letras e um médico. Não será difícil supor as línguas que falariam os quatro referidos, pois que os restantes estavam mais ou menos identificados com o francês. Quanto aos delegados à conferência e visitantes da A. E. P. todos conheciam o francês, três sabiam ainda inglês e um outro espanhol. No campo dos jornalistas estiveram três portugueses que não tiveram dificuldade em conversar com jornalistas das mais diversas nacionalidades, pois o francês era por todos conhecido.

Um escoteiro no Jamboree que soubesse francês tinha sempre facilidade em se fazer entender, visto que a grande maioria dos escoteiros acampados sabia um pouco dessa língua.

Naturalmente não era possível falar a língua dos 42 países representados. Mas os dirigentes do Jamboree, em tudo previdentes, não olvidaram este particular e, assim, por cada 32 rapazes, ou por cada contingente que não atingisse este número, era destacado um escoteiro francês conhecedor da respectiva língua estrangeira, que ficava adido a esse contingente, como agente de ligação. Por intermédio dos Escoteiros «Z»—assim se chamavam—foi possível o entendimento com os escoteiros de qualquer nacionalidade.

Mas, mesmo assim, quando desejávamos trocar uma saudação, manifestar simpatia ou cordealidade a algum nosso irmão-escoteiro estrangeiro, sem que conhecêssemos uma língua comum e sem querermos utilizar os prestáveis «Z», servíamos, então, da mímica. Mas para ser afável com um camarada, trocar um cumprimento, haverá necessidade de dar guinchos ou fazer esgares?

Entre nós, que falamos a mesma língua, não trocamos muitas vezes as palavras por gestos ou sorrisos? Acaso serão eles desordenados?

Se até para os disparates deste amigo campista, poderíamos ter substituído esta prosa por um simples sorriso, um sorriso de indulgência!

Se não for possível melhor, que os nossos camaradas campistas possam mandar a França uma deputação que se possa ali fazer compreender tão bem como os escoteiros portugueses se fizeram, são os nossos votos, e isso já será bastante honroso.

CAMPISMO

O I Acampamento Nacional

Constituiu outra grandiosa manifestação campista, o I Acampamento Nacional, nas Caldas da Rainha.

Esta cidade viveu os dias 1, 2 e 3 de Maio passado num ambiente de grande festa. A cidade estava enfeitada, as montras de muitos estabelecimentos decoradas com motivos campistas, cartazes e dísticos de saudação por toda a cidade, e à entrada dos desportistas, na manhã de sábado, até colchas e colgaduras se estenderam das janelas.

Um acolhimento inédito para os campistas. Um ambiente raro para os caldenses.

O Acampamento decorreu às mil maravilhas e a instalação, a cargo do Núcleo Campista Caldense, apresentou-se irrepreensível.

Nada faltava. Ninguém formulou uma queixa.

Devido à chuva torrencial que caiu sobre os campistas na noite de sábado e manhã de domingo, os infatigáveis «instaladores», providenciaram o abastecimento de palha que salvaguardasse aquele milhar de campistas de quaisquer percalços resultados pela humidade, procurando não faltar com um único pormenor.

Se ficou de parabéns a Comissão Executiva do I Acampamento Nacional, muitos mais louvores são devidos ao N. C. Caldense que foi duma amabilidade, e dum sacrifício ilimitados.

Tomaram parte no Acampamento cerca de 1.000 campistas representando variadíssimas regiões do País, como Porto, Figueira da Foz, Coimbra, Leiria, Marinha Grande, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Bombarral, Estoril, Santo Amaro de Oeiras, Amadora, Lisboa, Sacavém, Vila Franca de Xira, Almada, Cacilhas, Cova da Piedade, Arrentela, Barreiro, Setúbal, Faro, etc. Ao todo 500 tendas.

Também tomou parte do Acampamento um campista vindo propositadamente de França, Mr. Hurteaux, que regressou encantado com a amizade dos campistas portugueses e... do «Vin du Porto»!

Os três prémios que se disputaram entre o melhor clube, o melhor núcleo e a melhor secção campista, couberam, respectivamente, ao Clube de Campismo de Lisboa, ao Núcleo Campista Caldense e ao Grupo Estrela.

O acampamento foi visitado por muitos milhares de pessoas, quer das Caldas da Rainha e arredores, quer de Lisboa, donde foram propositadamente.

CARLOS FERNANDO GARCIA

O CONDESTÁVEL DO ROVUMA

É com íntimo contentamento que temos lido na imprensa diária notícias de homenagens prestadas à memória de grande herói de África, Francisco Pedro Curado cujo terceiro aniversário do falecimento passou em 24 de Maio último.

Há mais de três anos que essa figura militar, dilacerada por mal que não perdoa, partiu para o Além. E, ao evocá-la, permitam os leitores que o artigo tome um pouco de aspecto de página de memórias.

Datava de 1939, o nosso conhecimento com o tenente-coronel Francisco Pedro Curado. Tendo em preparação um estudo biográfico sobre o tenente Viriato de Lacerda, que soube morrer, em glória, à maneira antiga, no combate de Serra Mecula, e encontrando-nos desorientados com a diversidade de versões, algumas disparatadas, que corriam sobre o combate, procurámos o doutor Abel Alves, que também entrara nessa fogueira sangrenta e nos aconselhou;

—Vá ao nosso tenente-coronel Curado! Ele está velhote e é amigo de conversar. Se ele estiver bem disposto, tem o livro feito.

Agradecemos a sugestão. Procurámos o *Condestável do Rovuma*, que nos recebeu o mais gentilmente possível. E o que sobremaneira nos impressionou nesse homem de singular merecimento, foi, mais ainda do que o valor, a enorme modéstia. Podendo escrever um precioso livro de memórias, nunca falou de si. E o seu horror pela ostentação era tal que, de uma vez em que teve forçosamente de ir ao fotógrafo, *só lá* é que colocou no peito generoso de soldado as numerosas condecorações que soubera merecer.

Este episódio define o Homem.

Mas, Curado irradiava simpatia e a pessoa com que ele falasse tornava-se, quase insensìvelmente, sua admiradora.

Foi o que se deu com o autor destas linhas. Era com bonomia que o herói de Moçambique nos cumprimentava e era com ternura e o mais profundo respeito que nós correspondíamos àquela saudação amiga.

Escusado será dizer em face do exposto, que pelo tenente coronel Curado não ficámos conhecendo a sua acção. Foi pelos seus companheiros de armas que avaliámos as proporções dessa extraordinária figura, principalmente pela biografia assinada pelo doutor Dagoberto Guedes, combatente no Niassa, à qual me cingi para compor este artigo.

* * *

Nascido em 1873, lá para as bandas de Mação, Francisco Pedro Curado alistou-se voluntàriamente no exército, onde, durante 40 anos, serviu a Pátria. Oferecendo-se para tomar parte na expedição contra o Gungunhana, recebeu o baptismo de fogo no combate de Coolela e na tomada de Manjacaze, sob as ordens de Mouzinho, onde se portou brilhantemente, mostrando zelo, dedicação e inteligência notáveis, uma invejável serenidade e um valor digno do mais sincero aplauso.

Modestamente, volta à Metrópole, a recomeçar o curso interrompido, que finaliza brilhantemente. Entrega-se ao estudo dos assuntos ultramarinos, pensando colocar-se nas Colónais como civil. Mas a promoção a alferes, em 1902, traça o seu futuro.

Em nova largada para Moçambique, desempenha importantes comissões de serviço. Quando em 1907, o príncipe real D. Luís Filipe visita a Colónia, acompanhado de Aires de Ornelas, outro grande de África, é o alferes Curado quem organiza a esplendorosa recepção em Marracuene. De regresso a Lisboa e promovido a tenente, parte para Timor, a mais afastada parcela do Império, em que exerce notáveis funções. Depois de uma breve visita ao continente, é colocado em S. Tomé, onde pouco se demora.

De volta a Timor, requisitado por Filomeno da Câmara, em 1912, mostra de novo extraordinárias qualidades militares. Bate-se em Riac, combate de extrema dureza, que terminou pela rendição de 4.500 rebeldes, e em Leu-Laco. Terminada a campanha, Filomeno publicou um louvor ao tenente Curado, louvor aliás muito modesto para a maneira como o bravo oficial se portou.

Curado é, agora, administrador de Manufai. Pela bondade, aliada à energia, acode à situação difícil que adveio à Colónia. Um régulo, D. Boaventura, bate-se ainda. Sabendo-o escondido numa floresta virgem, cercada de pântanos, o futuro *Condestável do Rovuma* resolve ir atacá-lo, repetindo o gesto de Mouzinho. Há tiroteio e quatro companheiros do branco caem para sempre. Sentindo-se em perigo, Curado dá vozes de comando a forças... que não existem. Cheios de medo, os timores entregam-se a meia dúzia de soldados. O régulo foge, mas apresenta-se dias depois, a Curado e com a rendição dos rebeldes de Ocusse, terminou a sangrenta campanha de Timor, em Abril de 1913.

O tempo continua rolando. O herói regressa à Metrópole. Em 1914, vê brilhar mais um galão no dólman. Colabora brilhantemente, em Angola, com Pereira de Eça, o *general de aço*, na organização do serviço de *étapes*. Depois de um fugaz repouso na Metrópole, desembarca em Lourenço Marques, em 1916. Havia a Alemanha declarado guerra a Portugal.

Foi em Moçambique que o capitão Curado se revela o grande chefe de guerra. Bate-se em Nangadi; depois na margem do rio Rovuma, que consegue transpor. Em Mahuta, sustenta combate com o inimigo; entra na tomada de Nevala, em Outubro do mesmo ano; em Quivambo, cobre-se de glória. É já conhecido pelo nome de *Condestável do Rovuma*.

Dá-se a retirada de Nevala. As horas graves da campanha chegam, e nelas, o capitão Curado revela as suas excepcionais qualidades. Mostra-se um valente, quer orientando acção militar, quer batendo-se, como simples soldado. Oferece-se para as missões de maior perigo, sorridente, fumando o inseparável cachimbo.

É, contudo, na Serra Mecula, que, em 1917, o capitão Curado colhe os maiores louros. Nesse lugar desconhecido do Niassa, se aguentou, durante alguns dias, com heroísmo digno da época de Quinhentos. As vagas alemãs, de dia e de noite, vinham desfazer-se ante um punhado de brancos, tomados de febre e abatidos pelo cansaço. No seu posto, Curado multiplicava-se, dirigindo, de pé, o combate, incitando os soldados.

Este duelo, o mais renhido da campanha, só terminou pela falta de munições e pela intervenção da artilharia de von Lettow, tendo, contudo, a nossa posição de ser tomada à baioneta. Diante de meia dúzia de sobreviventes, os alemães quase se envergonharam da vitória. E foi com a mais profunda admiração que o general Wahle *abraçou o heróico capitão Curado*...

Depois, von Schnee, governador da África Oriental Alemã, que acompanhava as tropas do seu país, ofereceu a Curado a Liberdade em troca do compromisso de não voltar a combater os impérios centrais. O *Condestável do Rovuma* rejeitou altivamente a proposta, pois não queria a libertação por tal preço. Em face dessa atitude, os alemães concederam aos nossos a liberdade e deram-lhes as possíveis facilidades a fim de se juntarem às forças portuguesas.

Voltou à Metrópole. Um salto ainda a Moçambique e, em 1919, terminava a sua singular carreira esse homem de quem António de Cértima compôs o retrato: «Pistola no cinturão, cavalo-marinho e cachimbo à rifle, dissimulada despre-

(Continua na 6.ª página)

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Avaliação de distâncias

(Conclusão)

Aparelhos auxiliares de avaliação de distâncias

Na avaliação de distâncias tem-se, ainda, possibilidade de recorrer a dois utensílios muito simples, que auxiliam muito o escoteiro neste trabalho. Esses instrumentos são a *estádia* e a *régua de milésimos*. Estes aparelhos são usados pelos topógrafos e pelo exército.

Pela estádia

A estádia é um pedaço de cartão ou folha rectangular, onde se recortou um triângulo. Está baseada na redução de proporções com que os objectos se nos apresentam quando vistos a distância.

A estádia pode ser construída pelo próprio escoteiro e é graduada da seguinte maneira:

Coloca-se um escoteiro com uma vara nas mãos, a uma distância de 100 metros. O escoteiro segura a vara horizontalmente acima da cabeça, e nós observamos, com os braços estendidos, através da janela triangular da estádia, quando os dois extremos da vara «tocam» os lados do triângulo. (Não esquecer que o cartão da estádia deve estar colocado ao alto). Nessa altura marca-se 100 metros no ponto da estádia onde tocam os extremos da vara. E está regulado este instrumento para os 100 metros. Para as outras distâncias, procede-se de forma idêntica, colocando-se o escoteiro à distância respectiva.

O uso da estádia é simples: Quer-se saber qual o afastamento entre os pontos A e B. O obervador coloca-se em A e um outro escoteiro vai postar-se no ponto B e levanta a sua vara acima da cabeça. O observador procede então da mesma maneira que quando graduou a estádia e depois no ponto indicado, em vez de marcar a distância, verá quantos metros apresenta a escala.

Régua de milésimos

A *régua de milésimos* não é mais que uma estádia aperfeiçoada. Constitui-se de uma régua metálica ou de madeira, graduada em *milésimos*, isto é, espaços que representam um objecto de um metro de comprimento visto a 1 quilómetro de distância. Essa régua tem ainda um cordão que, passado à volta do pescoço, faz com que a régua seja conservada sempre à distância de 0,5 metro dos olhos de quem observa.

A utilização deste instrumento exige, portanto, o conhecimento das dimensões de um alvo que esteja no ponto até onde desejamos medir a distância.

Por exemplo: Desejamos saber quantos metros fica afastado de nós um terreno que tem um muro, que sabemos medir 3 metros de altura. Com a régua de milésimos verificámos que a altura desse muro representava um milésimo da régua. Dividindo-se os 3 metros da altura por um milésimo, o cociente indica nos que estamos a 3 quil. do muro.

Resumindo: Verifica-se quantos milésimos ocupa na régua o objecto visado e divide-se o número de metros que esse objecto realmente tem pelo número de milésimos e o cociente desta divisão dá-nos a distância requerida, expressa em quilómetros.

JOEL RIBEIRO

Jogos de Observação

Procurando o Chefe—É entregue a cada Guia um sobrescrito fechado e selado, e são informados de que o sobrescrito contém uma mensagem importante. Os Guias prometem por sua honra que os sobrescritos não serão abertos antes de um tempo determinado. Este tempo de espera torna o jogo mais excitante.

Quando chega o momento da abertura dos sobrescritos, encontram uma planta ligeira de um local e as seguintes instruções:—As Patrulhas reunem no local X, onde formarão e cada Patrulha seguirá por seu caminho até ao local assinalado no mapa onde está escondido o Chefe. Está claro, o sítio onde o Chefe está escondido não é precisamente assilado, mas antes os limites da zona onde ele se encontra.

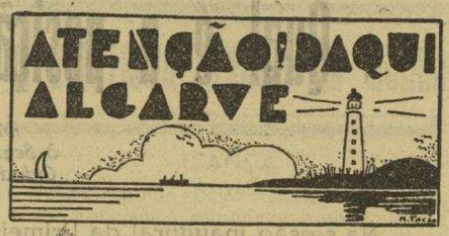
Será oferecido um prémio à Patrulha que primeiro encontrar o Chefe, portanto cada Patrulha trabalhará em conjunto pesquizando cuidadosamente o campo, em boa ordem. Se o Chefe não for descoberto passado o prazo de meia hora —ou o tempo que for assinalado— após as patrulhas atingirem a zona, o Chefe apita e o jogo termina.

Se o jogo é feito no campo, a zona escolhida deve ser própria para esconderijo. Se for na cidade ou vila, pode servir-se de uma pessoa desconhecida dos escoteiros, a quem será feita uma descrição da referida pessoa, que será procurada numa área restrita, um bairro, um bloco de quatro ruas.

Os caminhos indicados a cada Patrulha terão a igual distância da zona do jogo, para que qualquer Patrulha não possa ser beneficiada.

A mensagem selada ensinará os escoteiros a dominar a sua curiosidade.

Do «Scout Leader»



Grupo n.º 6 — Olhão

Reunião Geral do Grupo — Em 11 de Maio p. p. efectuou-se esta habitual reunião que serviu para revista de uniformes, Compromisso de Honra de 5 aspirantes, aposição de insígnias e entrega do galhardete perpétuo «Honra e Mérito» à Patrulha Águia, que o conquistou neste último trimestre à Patrulha Galo, sua possuidora 8 trimestres seguidos. No final, a Patrulha Egas Moniz apresentou, de surpresa, um simulacro de Fogo de Conselho, à rubra luz, ao qual se entoaram algumas das nossas canções.

Concurso Interfortes — Realizaram-se na Sede a prestação de provas teóricas do Concurso, repto lançado pela Patrulha Egas Moniz, constando da matéria de 1.ª e 2.ª classes. O Júri deste Concurso foi presidido pelo Sr. Dr. Manuel de Sousa Guita, membro da Comissão de Honra e Patrocínio do nosso Grupo e Delegado da M. P., secretariado pelos Srs. Chefe Militão dos Santos, Instrutor Francisco Pina, Alfredo dos Santos, D. Rosa Pina, Chefe do Departamento de Olhão da D. A. Feminina.

As provas práticas foram efectuadas em 29 e 30 de Maio, no Acampamento Geral do Pinhal de Joinal e constaram de instalação e ornamentação de sub-campos, canções escotistas e arte dramática, nós, de olhos fechados; homógrafo sem escribas e provas desportivas. Ao arrear das bandeiras do dia 30, prestou Compromisso de Honra mais um aspirante, que foi colocado na nova Patrulha Leão.

Em 31 de Maio, foram prestadas as últimas provas práticas: macas e ligaduras com o lenço de escoteiro.

As patrulhas concorrentes obtiveram a seguinte classificação: 1.ª, Patrulha Galo; 2.ª, Patrulha Egas Moniz; 3.ª, Patrulha Andorinha; 4.ª, Patrulha Tigre; 5.ª, Patrulha Águia; cujos prémios foram entregues na sede, no dia 1 de Junho p. p.

Concurso de Macas e Nós—Em 28 de Maio, realizou-se na Sede o Concurso inter-juniores não graduados, de macas com espias, lenços e camisas, e nós de 2.ª e 3.ª classes, com os olhos fechados, tendo ficado vencedora a Patrulha Águia, seguida das Patrulhas Andorinha, Tigre e Galo, cujos prémios foram igualmente entregues em 1 de Junho.

Luís D. P. Granja—Em virtude de se retirar para o estrangeiro, por motivos da sua vida particular, despediu-se de nós o escoteiro Luís Dias Paulino Granja, que guiava a Patrulha Galo. Este escoteiro que conta 3 anos de bom e efectivo serviço, possui a condecoração «Assiduidade», cordão de Mérito, 2.ª classe e algumas provas de 1.ª classe. Era actualmente o melhor escoteiro do Grupo e foi sempre duma dedicação e espírito de camaradagem bem dignos de um escoteiro, pelo que a sua abrupta retirada nos é infinitamente saudosa.

No dia 4 de Junho acompanhámos este camarada até Faro, donde o mesmo seguiu viagem para Lisboa.

«EGAS FELIZ»

Qual é a posição do Escotismo?

Mensagem do Director da Secretaria Internacional à Segunda Conferência Interamericana de Escotismo, Cidade do México, em Maio de 1948.

Na sessão inaugural da Primeira Conferência Interamericana de Escotismo realizada há dois anos, em Bogotá, pediram-me para que eu apontasse os fundamentos do Escotismo, isto é, para indicar os princípios fundamentais do método educativo do Escotismo, como foram concebidos pelo nosso Fundador Lord Baden-Powell of Gilwell. Acentuei nesta altura que o escotismo era um jogo para a educação do carácter dos rapazes, para ser praticado principalmente no ar livre, usando a Patrulha como uma unidade, portanto orientando o rapaz para se desenvolver física, mental e espiritualmente, utilizando a Promessa Escotista e a Lei do Escoteiro livremente adoptados como princípios orientadores.

Agora, tenho mais razão ainda para fixar os princípios fundamentais segundo os quais o Escotismo permanece como um movimento mundial.

É necessário fazê-lo porque hoje o Escotismo não se estende a todo o mundo.

Não pode, ou não é permitido, existir em certos países. Não desejo entrar em questões políticas, porque o Escotismo é francamente não político em qualquer local ou sentido nacional, mas não pode ser ignorado o facto de que certos princípios nossos nos forçam—inteiramente contra nossa vontade—a entrar na arena política.

A condição essencial de filiação do Movimento Escotista é a Promessa que o rapaz faz alegremente. Para valer alguma coisa para todos e para que possa obrigar a consciência, a Promessa *deve* ser feita por própria e livre vontade do rapaz (ou homem) e não deve ser meramente uma acção rotineira prescrita por uma agência ou organização.

Para expor claramente: O Escotismo apela para a liberdade do indivíduo. Apela para o rapaz individualmente para que se expresse em palavras, pensamentos e acções. Ele deseja educar os seus membros, que são todos inteiramente voluntários na sua fidelidade ao Escotismo, com toda a independência. Mas como Baden-Powell escreveu no *Rovering to Sucess*, «a liberdade do indivíduo é só um direito até onde não interfere com o bem da sociedade no conjunto». O Escoteiro aprende a depender de si próprio, portanto não é um fardo para os outros. É educado para servir Deus, a sua Pátria, e os seus companheiros de sua própria e livre vontade e acordo.

Enquanto eu tiver o privilégio de servir o Escotismo no seu campo internacional, continuarei até onde me for possível a sustentar este princípio de liberdade do indivíduo e apelo para vós, que sois meus colegas e cooperadores, para que façais o mesmo.

Não pode haver questão de compromisso em tão vital princípio como este. Assim a Quarta Lei Escotista diz: «O Escoteiro é um Amigo para todos e um Irmão para cada Escoteiro não importa a que País, Classe ou Credo o outro pertença».

O Escotismo, desde que foi fundado há 40 anos, tem continuamente proclamado estas virtudes positivas e tem feito o possível para as pôr em prática. Tem havido diferenças de opinião de tempos a tempos—em Patrulhas, em Grupos, em Países, em Conferências Mundiais e «Jamborees». Estas diferenças têm sempre sido arrumadas ràpidamente e num espírito de amizade, desde que todos têm feito o seu melhor para compreender os pontos de vista alheios tão bem como os seus próprios. Por consequência estas diferenças têm servido simplesmente para evidenciar a maneira pela qual o espírito escotista pode remover dificuldades e equívocos provocados por influências exteriores e desde sempre prejudiciais entre os adultos.

Podemos continuar, portanto, não sòmente a promover o nosso próprio entendimento através da unidade de princípios, objectivos e método, mas também a encorajar a fraternidade escotista para o próximo. Fraternidade e unidade podem não estar confinadas no nosso círculo íntimo, mas expandir-se continuamente para abraçar aqueles que connosco estão em contacto.

Há muitas maneiras práticas de atingir este objectivo, e esta Segunda Conferência Interamericana de Escotismo é uma das mais importantes. Vós, que sois delegados e observadores, estais reunidos e, portanto, podeis trocar ideias sobre o futuro do Escotismo através do Continente, podeis auxiliar-vos mùtuamente em resultado da experiência posterior ganha pela vossa Associação nos passados dois anos, podeis obter inspiração

(Continua na 8.ª página)

PASSATEMPO

Por JOSÉ SEQUEIRA

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1

Horizontais: 1 — Acalmar. 2 — Areia 3—Pa. Asa. Ar. 4—Atar. Reme. 5—Ras. Vem. 6—Arar. Pane. 7—Dá. Ora. Ar. 8—Ameia. 9—Amassar.

Verticais: 1—Aparado. 2—Atara. 3—Ca. Asa. Ma. 4—Arar. Roma. 5—Les. Res. 6—Miar. Pais. 7—A. A. Eva. A. A. 8—Amena. 9—Tremera.

Decifraram este problema os Srs. António Faustino Costa, Eduardo da Silva Guia, Pedro Mourão e Menina Maria Aida Morais de Almeida.

O prémio coube por sorteio à concorrente Menina Maria Aida Morais de Almeida.

IMPRENSA

O CHARADISTA

Deu-nos o agradável prazer da sua visita este simpático órgão da Tertúlia Edípica (Grupo Charadista da Sociedade de Geografia), que muito agradecemos.

O Charadista, de excelente aspecto gráfico e selecta colaboração da sua especialidade, tem como director o nosso amigo e antigo escoteiro Sr. Fernando Pesca, na pessoa de quem saudamos todos os colaboradores desta Revista.

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.

Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.

O Condestável do Rovuma

(Continuação da 4.ª página)

tenciosamente sobre o chapeirão boer, esta figura torrada de bérbere com alma de gigante celtibero, parece ter vindo do túmulo de Goa e andar por aqui disfarçado em caçador indígena».

* * *

Era assim o *Condestável do Rovuma*, que conquistou as mais altas condecorações portuguesas—inclusive a Torre-e-Espada—que, entregue às suas recordações, viveu, numa casa modesta de Lisboa, onde a morte o foi surpreender. Apesar do que fez, quase morreu esquecido...

Porém estamos certos de que os escoteiros não olvidarão as singulares qualidades do heróico Francisco Curado, o seu valor militar e a sua profunda modéstia.

MANUEL FERREIRA

Vide no «Sempre Pronto», n.º 10, de Janeiro de 1946 o artigo «Francisco Pedro Curado».



«PIKY»

Para ti, E. G. que me lo has pedido.
Para ti, que bien has podido ser «Piky».

Os vendedores de pássaros lá estavam, no passeio do sul, sob os débeis raios dum Sol de começo duma nova primavera. Os vendedores de pássaros lá estavam, de mãos inactivas, mãos hábeis na reparação de redes, e encobrimento de falsos ninhos com armadilha. Lá estavam no passeio do meio dia, com os rostos escuros e vozes agudas de meridionais, rodeados das suas gaiolas. Aquelas gaiolas onde se movia toda uma vida multicolor, gorgeante e prisioneira.

Os vendedores de pássaros... Ai! os vendedores de pássaros!

* * *

«Piky» acabava de completar os seus oito anos e de estrear a sua insígnia de Lobito; ambos, os anos e a insígnia, abriam-se maravilhosos ante o possível assombro da mais admirável das aventuras: a própria vida.

«Piky» tinha no bolso uma peseta. Uma peseta reluzente, e também novazinha, como a primavera, como a insígnia, como «Piky»...

* * *

No passeio do norte ficava a pastelaria: Uma pastelaria de montras rutilantes, onde os pastéis, biscoitos e bolos de todas as espécies, ofereciam a agradável doçura do seu sabor e do seu aroma. Dentro da pastelaria, na primeira das bem abastecidas vitrinas, encontrava-se aquele pacote de formosa cor azul, onde umas letras douradas e bem desenhadas, deixavam ler «Caramelos». Ali estavam, formando compacta mistura, as torradas e rangentes barrinhas de pinhões, amêndoas, nozes e açúcar; e junto a elas, incendiado e contente, o pensamento de «Piky» velando o seu doce favorito, desde que as mãos amorosas do avô lhe deram, a peseta reluzente, novazinha...

* * *

«Piky», descia, saltitando, pelo passeio do sul. Ia todo contente, com o contentamento de que eram capazes os seus oito anos, quando aparte os anos em si, que já é muito, se caminha debaixo dum Sol matinal e primaveril, para uma meta de Caramelos.—Oh! sim, com maiúscula! Porque não? «Piky», saudou a velhinha que vendia flores, na esquina. Aquela velhinha com carita de ameixa seca, e as suas flores vermelhas, brancas, amarelas, azuis... «Piky», saudou uma mariposa verde-ouro, que passava.—Adeus, mariposa!—Adeus, «Piky»!

«Piky» parou prontamente em frente dos vendedores de pássaros, quando já avistava do outro lado da rua as portas envidraçadas da pastelaria. Primeiramente extasiou-se em frente do agudo trinar dos verdelhões; depois os pintassilgos de carita vermelha e alegre gorgeio, chamaram a sua atenção; em seguida, outros pássaros, toutinegras, codornizes, rouxinóis, pintarroxos, maravilharam-no. Mas pouco a pouco, assim como a luz da tarde vai dando entrada às sombras da noite, os olhos de «Piky» foram perdendo a luz adorável da sua alegria. Aqueles pássaros, senhores do espaço, por direito de nascimento, e por cujas asinhas corria um inefável tremor de liberdade, trinavam e gorgeavam, a mais triste e infinitamente amarga das canções: a canção do cativeiro. E com este pensamento, «Piky», cujo coração tinha começado a contrair-se, tanto quanto pode contrair-se um coração de oito anos, que já é muito, foi aproximando-se da gaiolinha estreita e pequena, onde um pobre estorninho se revolvia, preso de angústia e desespero.

A avezinha enlouquecida, feria-se uma e outra vez, num impossível afã de lograr a saída, contra as canas da gaiola. Tinha as penas da cabeça e do peito ensanguentadas, e um sinistro tremor de agonia convulsionava o corpinho cantador. «Piky», que deixava agora transparecer no olhar a mais piedosa das amarguras, aproximou-se do vendedor daquele pobre prisioneiro, levando na palma rosada da mãozinha, redonda e refulgente como uma estrela, a peseta que lhe dera o avô.

—Quero aquele... Aquele que tem sangue e que quere voar...

E a vozinha infantil quebrou-se num soluço, que soou como cristal de riso, quando teve a gaiolinha entre as suas mãos.

* * *

«Piky» corria, corria... Que bem se corre aos oito anos, e demais se se é Lobito! «Piky» corria, corria e correndo chegou até ao pinhal grande. Ali numa clareira solitária, onde o rumor de insectos dourados e brilhantes, se movia numa inundação de Sol, meteu a mão na gaiola, e colhendo o passarinho, tirou-a bem estendida, bem estendida.

Por um momento, sentiu «Piky» um estremecer embriagador de perninhas exaltadas. Depois, os seus olhos de novo luminosos e felizes vieram perder-se no azul, onde o resgatado estorninho se afastou, trinando como jamais os seus ouvidos voltaram a ouvir trinar.

* * *

«Piky» já não mais voltou ao passeio do norte. Agora, com os seus oito anos, e a sua insígnia de Lobito, é fiel passeante do passeio do sul; sobretudo, se a carícia rosada da sua mãozinha pode guardar uma peseta redonda e dourada como uma estrela.

LORETO AZPEITIA L. DE AYALA

Trad. do Espanhol de Lídia de Medeiros.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

FRANÇA

O Grupo de «Éclaireurs de France» que, como noticiámos, estudavam a possibilidade de vir acampar um mês em Portugal, mantém o seu plano e sòmente o adiaram para o verão de 1949.

CAMPO «BADEN-POWELL» — Sob a divisa *Omniumamicus*, deve-se efectuar durante a segunda quinzena de Julho corrente, em S. Denis, perto de Martel, o campo «Baden-Powell». É organizado pelo Clã «Notre Dame» dos *Scouts de France*, de Toulouse, e reunirá em quatro grupos uma centena de rapazes.

A finalidade que se procura atingir com este acampamento, é fazer viver durante alguns dias a bela vida dos escoteiros a estes rapazes recrutados no meio operário e completamente estranhos ao Escotismo.

O Chefe de Campo, os Chefes dos Grupos, os Assistentes e os Guias de Patrulha serão escolhidos entre os Seniores que terão também a seu cargo os serviços auxiliares: Intendência, Saúde, Parque de bicicletas, Correio, Jogos, etc.

As actividades dos Grupos serão elaboradas pelos seus Chefes, ao seu livre critério, mas os dias 23 e 24 de Julho serão consagrados a actividades comuns sobre a forma de concursos intergrupos.

Segundo a tradição, cada Grupo terá o seu jogo nocturno, cuja data e tema permanecerão secretos até à hora «H».

Os rapazes não terão de pagar senão uma quantia muito inferior ao preço real; os Seniores lançaram uma grande subscrição nacional e uma grande quermesse, que esperam lhes renda os fundos necessários à orgnização de uma tal iniciativa... uma bela iniciativa escotista!—F. B.

BRASIL

O Coronel John S. Wilson, que esteve no México a assistir à 2.ª Conferência Interamericana de Escotismo, tem visitado diver-

sos países sul-americanos e, vindo da Argentina, chegou ao Rio de Janeiro em 5 de Junho p. p., na companhia de Salvador Fernandes, secretário do Comité Americano de Escotismo.

● Na Assembleia Geral da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, que recentemente se realizou, o dedicado representante do «*Sempre Pronto*» no Brasil, Sr. David M. de Barros, foi eleito para o cargo de Comissário Técnico daquela Confederação.

Felicitamos este nosso amigo pela sua eleição e estamos certos que o Escotismo Brasileiro muito irá lucrar da sua experiência e saber.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Dr. James E. West

Em 15 Maio p. p., faleceu este devotado dirigente escotista, Escoteiro-Chefe Geral da *Boy Scouts of America*.

A vida de James E. West constituiu um milagre de coragem e força de vontade. Nasceu após o falecimento de seu Pai. Sua Mãe, teve de trabalhar para prover o seu sustento, e faleceu quando West tinha apenas 6 anos. Enviado para o Orfanato sobreveio-lhe grave doença, foi internado num Hospital, onde a sua enfermidade foi considerada incurável, pelo que lhe foi dada alta. Como o Orfanato se recusava a recebê-lo novamente, foi abandonado à porta do mesmo, que se viu forçado a recebê-lo.

West lutou com a doença, com as muitas insuficiências do Orfanato, advogando junto dos seus Directores os interesses dos condiscípulos. Conseguiu que o Orfanato autorizasse o estudo nas Escolas do Estado. Chegou a ter de trabalhar em serviços rudes para manter os seus estudos.

Interessado desde os tempos da sua vida de Orfanato pelas causas da infância e da juventude veio a exercer a sua actividade na Associação Cristã da Mocidade, de que foi Secretário Geral.

Quando William D. Boyce introduziu o Escotismo nos Estados Unidos, convidou o Dr. West para seu Secretário, que aceitou com relutância o cargo e sòmente por seis meses, mas nunca mais abandonou o Movimento, do qual foi um excelente orientador.

O Dr. West foi um colaborador dedicado da Conferência Internacional desde a sua fundação em 1920 e foi membro do Comité Internacional de 1939 a 1947.

O «*Sempre Pronto*» acompanha os irmãos-escoteiros americanos no seu luto pelo falecimento do saudoso Chefe.

Qual é a posição do Escotismo?

(Continuação da 6.ª página)

e encorajamento mútuo, podeis estar reunidos para benefício dos rapazes que tendes o privilégio de dirigir.

Baden-Powell indica o caminho no *Aids to Scoutmastership*: «O ensino do espírito de serviço não é meramente uma matéria de instrução teórica, mas o desenvolvimento de duas fases distintas—a inculcação do espírito de boa vontade; e o preparativo para a oportunidade da sua expressão prática.

«O ensino é principalmente através do exemplo, e o Escoteiro-Chefe é exactamente o verdadeiro dirigente na sua patriótica dedicação ao serviço do rapaz, ùnicamente pela satisfação da obra e sem pensar em qualquer recompensa material».

O mês passado o Mundo Escotista celebrou o Dia de S. Jorge. «Naquele dia», como o nosso Fundador escreveu no *Scouting for Boys*, «todos os bons escoteiros dedicam especial atenção à meditação na Promessa e Lei Escotistas».

Afirmo a minha crença — devemos voltar-nos para os nossos ideais para orientação futura. A Promessa e a Lei Escoteiras devem constituir na realidade os princípios orientadores das vidas de todos os Escoteiros e Dirigentes e ainda dos Antigos Escoteiros, que neste aniversário têm vindo até junto de nós em auxílio da humanidade, em auxílio do Escotismo.

Estes assuntos destinam-se mais à prática nas nossas vidas do que a sermão, mas esta prática deve ser intensificada não só na amizade para com os nossos semelhantes de fora do Movimento, mas também das nossas fileiras. Isto é tão possível no âmbito local, como tem sido desde sempre provado em muitas partes do Mundo. A Boa Acção e a sua prática universal são garantias de que o Escotismo está promovendo um espírito de abnegação ao serviço da felicidade do próximo.

Esta é a minha mensagem para vós, meus Irmãos-Escoteiros.

Podemos nós todos, com o auxílio de Deus, manter a nossa Fraternidade como uma força contínua para o bem e transmiti-la na sua pureza àqueles que nos hão-de seguir.

J. S. WILSON

Transcrito da revista «Jamboree».
Tradução do inglês de E. R. J.

Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas.

S. Paulo (Tessalonicences. 4:6)

N.º 9 — Julho de 1948

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

—«Não te aflijas—respondeu o Guia com confiança— vamos lá procurar essas tais batatas». Esta resposta deixou, não só o Rui, mas toda a Patrulha muito intrigada. Todos suspenderam o trabalho e olharam para o Guia com uma expressão de espanto. O Guia, que percebeu a admiração, afirmou-lhes: — «Tranquilizem-se que as batatas já aparecem». O Rui, resignado, mas cada vez mais desejoso de decifrar a incógnita, encolheu os ombros e disse:—«Bom, então vamos lá». E lá foram, saíram do pinhal, embrenhando-se no mato, o Guia à frente, seguido atenciosamente pelo Rui. A certa altura o primeiro puxou da faca de mato e, junto a uma árvore, agachou-se, colhendo uns tubérculos, e exclamou:— «Pronto, aqui estão as primeiras batatas, vamos procurar mais !»

—«Mas isto não são batatas!...— diz o Rui muito confuso, enquanto o Guia explica: — «Pois não ! São túberas, que tu irás fritar como se batatas fossem e depois me dirás senão são melhores ainda».

— «Por esta agora é que eu não esperava — contesta-lhe o Rui — sempre te sais com cada uma !» O Guia fingiu não ouvir e continuou à procura de novas túberas que ia colhendo e colocando no saco que o Rui conduzia. Quando já tinham colhido a quantidade necessária trataram de regressar ao campo. O Guia tratou de abrir caminho por entre o mato, trabalho difícil, visto que a vegetação era densa e os tojos e as silvas pareciam disputar entre si a primazia em mais espicaçar as pernas dos dois rapazes. Chegados ao campo toda a rapaziada se precipitou para o saco que o Rui abriu perante o espanto de todos.

—«Mas isto não são batatas !»— exclama finalmente o Luís, enquanto os outros em coro confirmam:—«Pois não!» Mas o Rui apressa-se a esclarecer:—«Não, são túberas, mas diz o Guia que ainda são melhores do que as batatas». «Ainda um dia—continua o Guia — havemos de fazer um acampamento sem trazer víveres connosco. Em pleno mato há o indispensável para a nossa alimentação. Aqui na Ilha, então, podemos dispor da caça e da pesca, temos as mais variadas plantas para sopa, saladas e cozido; daqui mais a uns meses teremos fruta: os deliciosos medronhos e os saborosos e nutritivos pinhões. E até para beber podemos fazer os mas saborosos chás, *dos quais já vocês conhecem o de eucalipto».*

—«Com que então vocês metem-nos em sarilhos e ficam muito descansados?...» exclama o Raul ao chegar ao acampamento na companhia do Júlio. Todos se voltam repentinamente e encaram os dois rapazes que acabam de chegar visìvelmente emocionados.

—«Houve alguma novidade?» — inquiriu o Guia assustado.

—«Não houve, mas podia haver !» — exclamou o Júlio. Todos cercaram os dois escoteiros, cujos ares misteriosos estavam deveras intrigando a Patrulha. O Raul, interrompido de vez em quando pelo José, expôs todos os acontecimentos daquela agitada manhã e sentenciou por fim, dando às suas palavras um ar de grande gravidade. — «Parece-me que estamos em face de um perigo que nos cumpre enfrentar com grande prudência, pois não sabemos quem são os indivíduos que se escondem nesta ilha».

«Não precipitem conclusões—respondeu o Guia—vamos antes observar com o maior cuidado o que se passa e em face do que verificarmos, tomaremos, então, as providências mais indicadas. Por agora vamos transportar o barco aqui para o acampamento. Ficam no campo o Rui e o Júlio a tratar da cozinha, visto que vamos a meio da tarde e ainda não almoçámos.

CONTINUA